

Birita e a faca afiada das sutilezas

Por Livia Mattos¹

Com um humor sensível e instigante, Ariadne Antico trouxe, através do espetáculo *Birita, Procura-se*, um documento poético extremamente tocante e belo, que nos desloca e nos espeta. Reflexões acerca do capacitismo² são provocadas ao "respeitável público", orquestradas pela comicidade construída pela palhaça, com seu corpo, sua história e sua dramaturgia. Trata-se de um convite ao riso, mas deslocando o viço preconceituoso, historicamente reiterado, de rir da deficiência alheia, na medida em que convida o público para rir com ela - não dela.

Através de uma pesquisa de corpo interessantíssima, explorando as possibilidades cênicas dos seus movimentos voluntários e involuntários - por conta de uma paralisia cerebral (PCD) - Ariadne apresenta um partitura corporal única, que oferece um vasto repertório cômico para sua palhaça, para alegria de quem a contempla. Desta forma, desperta-nos a entender cada corpo como único e potente, bem como sentir, em nossas reverberações individuais e coletivas, a arte como agente transformador. Pela faca afiada das sutilezas, as violências do capacitismo são expressadas no espetáculo, questionando a superproteção à pessoas com deficiência, deslocando o caminho de um humor depreciativo, para uma comicidade

¹ Livia Mattos é circense, acordeonista, cantautora e socióloga. Nascida em Salvador/BA, dedica-se à pesquisa sobre o circo brasileiro - sobretudo no que tange a sua interface com a música - documentando narrativas de circenses veteranos e desenvolvendo trabalhos autorais no campo cênico-musical há 18 anos. Destaca-se, dentro da sua produção criativa, "A Sanfonástica Mulher-lona", "As trigêmeas", "Mono Amour", "Sanfona aérea", "A Lira da Lona" e o mais novo "Retumbantes" - além do seu álbum "Vinha da ida", lançado pela Natura Musical. Atualmente, é mestranda em Artes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

² Nas palavras de Ariadne Antico, em linhas gerais, "capacitismo é o nome que se dá ao preconceito relacionado às pessoas com deficiência". Diz respeito à forma preconceituosa como pessoas sem deficiência tratam pessoas portadoras de alguma deficiência, pressupondo uma inferioridade e uma falta de capacidade generalizada, em comparação a um referencial de "perfeição".

pautada num corpo que cria suas lógicas, suas soluções, sua maneira de ser e estar no mundo.

O roteiro é costurado pela busca de emprego da personagem, que metaforiza a busca do seu lugar no mundo. Como estratégia cômica, escolhe-se passar pelo experimento de profissões que dilatam as suas dificuldades motoras - garçoneiro, locutora de rádio e enfermeira - explorando jogos com objetos e consigo mesma, até chegar a uma vaga de cota para deficientes numa empresa multinacional, como se enfim, teoricamente, encontrasse um lugar que fosse para ela. No auge do seu conforto em alcançar este emprego, confronta-se por 3 anos com o capacitismo de seus colegas de trabalho, que a tratam como incapaz para toda e qualquer função. Generalizam a sua deficiência para toda sua existência, infantilizando sua capacidade e menosprezando as suas emoções, como se sempre fosse aceitar a violência do preconceito de forma amável e tolerante - como se aquele emprego fosse uma ato generoso da empresa e não um direito. O final do espetáculo marca uma ruptura com essa emblematização e a consagração da ideia de que cada um - cada corpo, cada pessoa - é única, assim, é preciso desconstruir padrões de normalidade hegemonicamente estabelecidos e aprender a lidar com as possibilidades-potência de cada um.

Finalizo essa escrita parabenizando o trabalho maravilhoso de Ésio Magalhães, responsável pela direção do espetáculo, bem como toda equipe responsável pela apresentação, destacando o trabalho desenvolvido com a captação audiovisual - Marcos Yoshi e Yghor Boy - onde vê-se um diálogo e interlocução criativa e dinâmica, ora atuando como os olhos do público, guiando-nos em planos sequência, ora respondendo às provocações da palhaça ou da voz em off; ora provocando-nos em sensações. Fico à espreita dos próximos trabalhos de Ariadne, atenta aos caminhos que a sua inquietação artística nos levará. E que a sua militância seja a de todos nós.